EDIÇÃO ESPECIAL:
Crônicas de EtnoMatemaTicas Anunciadas
Transdisciplinaridade

REVISTA / JOURNAL ISSN: 2965-8799
***e*-Almanaque EtnoMatemaTicas Brasis**

v. 2026, n.
e102026

Entre sementes, currículos e travessias: quando a Etnomatemática germinou no currículo baiano

Geciara da Silva Carvalho
Salvador, Bahia- Brasil
geciara@uefs.br
Doutorado em Educação Matemática
Universidade Estadual de Feira de Santana
https://orcid.org/0000-0002-0474-5558

Ainda hoje me lembro das primeiras reuniões.

As mesas ficavam tomadas por documentos, anotações, propostas, dúvidas e silêncios. Falávamos de currículo, formação humana, interdisciplinaridade, cultura e ensino de Matemática. Falávamos também, mesmo quando não sabíamos nomear, de modos de existir. Naquele momento, talvez poucos de nós tivéssemos consciência de que pequenas sementes estavam sendo lançadas no solo do currículo baiano.

Não eram sementes visíveis. Não apareciam como disciplinas prontas, nem como itinerários acabados. Muito menos como consensos. Pelo contrário: muitas vezes surgiam como incômodo, resistência e estranhamento diante da tentativa de deslocar a Matemática de um lugar exclusivamente abstrato, neutro e universal.

Foi nesse contexto que a Etnomatemática começou, silenciosamente, a atravessar a produção das Orientações Curriculares para o Ensino Médio da Bahia (2015)[1]. No início, talvez nem percebêssemos a profundidade daquele movimento.

Falávamos de cultura como eixo integrador do currículo. Falávamos de contextualização, transversalidade, interdisciplinaridade e diversidade cultural. Mas havia algo mais profundo se formando. A Etnomatemática não entrava apenas como uma tendência da Educação Matemática.

[1] BAHIA. Secretaria da Educação do Estado da Bahia. *Orientações curriculares para o ensino médio: matemática*. Salvador: Secretaria da Educação, 2015.

REVISTA / JOURNAL ISSN: 2965-8799
***e*-Almanaque EtnoMatemaTicas Brasis**

v. 2026, n.
e102026

Ela começava a insinuar uma força transdisciplinar dentro da própria concepção de conhecimento escolar. Naquele tempo, defendíamos que a Matemática precisava dialogar com os modos de viver, trabalhar, narrar, produzir e existir dos sujeitos. Questionávamos a ideia de uma Matemática única, descolada da vida, das experiências culturais e dos territórios.

Talvez tenha sido exatamente ali que a primeira semente foi plantada. Anos depois, ao reler o artigo que escrevemos sobre aquele processo[2], percebo que a semente já estava nomeada, ainda que talvez não soubéssemos toda a extensão de sua germinação. Ali registramos que as Orientações Curriculares para o Ensino Médio da Bahia haviam tomado a cultura como eixo integrador do currículo, abrindo espaço para a construção de uma concepção sociocultural do conhecimento, especialmente do conhecimento matemático.

Foi nesse movimento que se revelou uma lacuna: havia uma distância entre a cultura anunciada como eixo integrador do currículo e os caminhos possíveis para transformar essa concepção em prática matemática nas escolas. Nesse intervalo, o Programa Etnomatemática se apresentou como uma orientação teórica capaz de pensar a Matemática em diálogo com a cultura, os territórios e as práticas sociais.

Hoje, essa frase me parece maior do que parecia naquele tempo. Porque não se tratava apenas de escolher uma referência teórica. Tratava-se de abrir uma fenda no modo como a Matemática vinha sendo curricularmente pensada. A Etnomatemática entrava como possibilidade de romper com a ideia de uma Matemática absoluta, infalível e fechada em si mesma, para recolocá-la como produção humana, histórica, cultural e socialmente situada.

[2] CARVALHO, G. S.; SOUSA, O. S. Matemática e Cultura: Possibilidades Didático- Metodológicas para a Prática Docente no Ensino Médio. Journal of Mathematics and Culture, v. 11, n.1, 2017. Disponível em: https://journalofmathematicsandculture.files.wordpress.com/2017/09/article- 6_geciara_oleneva_final.pdf. Acesso em: 28 jun. 2023.

DOI: https://doi.org/10.64193/eAlmEMT-BR.2026-e102026

REVISTA / JOURNAL ISSN: 2965-8799
***e*-Almanaque EtnoMatemaTicas Brasis**

v. 2026, n.
e102026

A semente era pequena. Mas já carregava uma árvore inteira. Sementes transdisciplinares, no entanto, raramente encontram solos simples. O solo curricular era duro. Havia pedras antigas, raízes profundas de modelos fragmentados e camadas sedimentadas de uma Matemática ensinada, durante décadas, como linguagem neutra, distante e universal.

Ainda assim, algumas sementes insistem em permanecer vivas debaixo da terra. Os anos passaram. Os documentos mudaram. Vieram reformas, novas matrizes, itinerários formativos, eletivas, reorganizações curriculares e novas exigências para as escolas e para os professores. E foi justamente nesse processo que as vozes docentes começaram a revelar as tensões da implementação.

Já não éramos apenas nós falando sobre currículo. Agora eram os professores, espalhados pelos diferentes territórios da Bahia, narrando as contradições vividas no cotidiano escolar. Uma professora descrevia o desafio de implementar novas disciplinas e itinerários sem ampliação real das condições de trabalho. Comparava a escola a uma família que precisava acolher quadrigêmeos sem aumentar a estrutura da casa. Outra relatava que o professor passou a viver entre múltiplas turmas, múltiplas demandas e currículos cada vez mais fragmentados.

Em outro território, um professor afirmava que a proposta de Etnomatemática presente no currículo era tão complexa que parecia pensada para uma pós-graduação, e não para o Ensino Médio. Enquanto isso, outros docentes revelavam a dificuldade de recompor aprendizagens básicas dos estudantes antes mesmo de desenvolver os objetos previstos no currículo oficial.

Havia tensão. Havia sobrecarga. Havia conflitos entre aquilo que os documentos anunciavam e aquilo que as escolas conseguiam materializar. Mas, curiosamente, era no meio dessas rachaduras que algo continuava germinando.

A Etnomatemática caminhava quase como água subterrânea. Nem sempre visível nos documentos oficiais, mas lentamente atravessando fissuras, aproximando

DOI: https://doi.org/10.64193/eAlmEMT-BR.2026-e102026

REVISTA / JOURNAL ISSN: 2965-8799
***e*-Almanaque EtnoMatemaTicas Brasis**
v. 2026, n.
e102026

territórios, deslocando fronteiras e irrigando práticas pedagógicas que começavam a nascer nas escolas.

Entre as dificuldades, surgiam também relatos de professores que experimentavam novas formas de articulação do conhecimento. Um deles narrava experiências envolvendo Matemática, astronomia, astroquímica, astrobiologia e projetos investigativos. Outro descrevia itinerários integrados que buscavam aproximar Matemática, Ciências Humanas e Ciências da Natureza.

A transdisciplinaridade começava a aparecer não como teoria distante, mas como necessidade concreta da prática pedagógica. Talvez estivesse ali uma das reverberações mais profundas daquela antiga semente. Porque a Etnomatemática já não aparecia apenas como conteúdo curricular ou tendência pedagógica. Ela passava a atravessar modos de pensar o conhecimento, questionando fronteiras rígidas entre disciplinas, territórios e experiências humanas.

Antes de aparecer como componente curricular, a Etnomatemática já existia como raiz invisível em discussões sobre cultura, território, diversidade, linguagem, trabalho e modos de existir.

Alguns professores falavam com cansaço. Outros, com esperança. Havia momentos em que o currículo parecia uma terra seca demais para acolher qualquer germinação. Mas as sementes transdisciplinares têm uma estranha paciência histórica.

Essa paciência histórica, em algum momento, deixou marcas no próprio currículo. A Etnomatemática passou a aparecer na matriz do Itinerário Formativo Integrado Transdisciplinar, conforme mostra a Figura 1, não apenas como nome de componente, mas como sinal de uma tentativa de articular matemática, cultura, território e modos de vida.

Figura 1- Matriz curricular do Itinerário Formativo Integrado Transdisciplinar, com destaque para a Etnomatemática como componente curricular. Destaques da autora.

TRANSDISCIPLINARIDADE

A transdisciplinaridade parte da premissa de que as áreas do conhecimento e os componentes curriculares não só permitem a comunicação e o trânsito de saberes entre as áreas, mas que o próprio conjunto plural de saberes não possui barreiras gnosiológicas. **A articulação dos componentes curriculares é uma condição própria dos conhecimentos, pois, em sua gênese, são interligados, podendo ser compreendida como uma união de saberes, genuína e transversal** (Bahia, 2022, 379).

A ETNOMATEMÁTICA enquanto componente Curricular

BAHIA. Documento Curricular Referencial da Bahia para o Ensino Médio. Secretaria da Educação do Estado da Bahia. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2022.

ITINERÁRIOS FORMATIVO INTEGRADO TRANSDISCIPLINAR I 35H 11

Áreas do Conhecimento	Componentes Curriculares	1ª série		2ª série		3ª série		TOTAL
		ch/s	ch/a	ch/s	ch/a	ch/s	ch/a	
Linguagens e Suas Tecnologias	Arte	2	80	2	80	2	80	240
	Educação Física	2	80	2	80	2	80	240
	Língua Inglesa	2	80	2	80	2	80	240
	Língua Portuguesa	4	160	4	160	4	160	480
Matemática e Suas Tecnologias	Matemática	3	120	3	120	3	120	360
Ciências da Natureza e Suas Tecnologias	Biologia	2	80	2	80	2	80	240
	Física	2	80	2	80	2	80	240
	Química	2	80	2	80	2	80	240
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	Filosofia	2	80	2	80	2	80	240
	Geografia	2	80	2	80	2	80	240
	História	2	80	2	80	2	80	240
	Sociologia	2	80	2	80	2	80	240
Carga Horária Formação Geral Básica		27	1080	27	1080	27	1080	3240
Itinerário Formativo Integrado Transdisciplinar	Educação Sociocientífica	1	40	1	40	2	80	160
	Língua Estrangeira Instrumental	0	0	0	0	2	80	80
	História da Bahia e História e Cultura Indígena, Africana e Afro-brasileira	2	80	0	0	0	0	80
	Educação Digital e Midiática	1	40	0	0	0	0	40
	Linguagens e Culturas	2	80	2	80	2	80	240
	Etnomatemática	2	80	2	80	2	80	240
	Educação Ambiental, Territórios e Mudanças Climáticas	0	0	2	80	0	0	80
	Sociedade, Pensamento e Geopolítica	0	0	1	40	0	0	40
Carga Horária Itinerário Formativo		8	320	8	320	8	320	960
Carga Horária Total		35	1400	35	1400	35	1400	4200

Fonte: https://drive.google.com/file/d/1yMLxVHCn5HZ2Iw-QFEJ_QpmxerxhOQ2w/view .

Hoje compreendo que talvez o mais importante não tenha sido apenas inserir uma nova disciplina ou reorganizar uma matriz curricular. Talvez o mais importante tenha sido permitir que outras formas de produzir conhecimento começassem a respirar dentro da escola.

Porque algumas sementes não nascem para ocupar apenas um espaço no currículo. Elas nascem para atravessar fronteiras.

E, entre tensões e possibilidades, continuam germinando.

REVISTA / JOURNAL ISSN: 2965-8799
***e*-Almanaque EtnoMatemaTicas Brasis**

v. 2026, n.
e102026

Entre sementes, currículos e travessias: quando a Etnomatemática germinou no currículo baiano

Among Seeds, Curricula, and Crossings: when Ethnomathematics Germinated in Bahia's Curriculum

Entre semillas, currículos y travesías: cuando la Etnomatemática germinó en el currículo bahiano

Resumo

Esta crônica revisita as primeiras discussões em torno da construção das orientações curriculares para o Ensino Médio da Bahia, destacando como a Etnomatemática foi, gradualmente, assumindo uma força transdisciplinar no currículo. Por meio da metáfora das sementes, o texto rememora debates sobre cultura, interdisciplinaridade, formação humana e ensino de Matemática, evidenciando como essas discussões tensionaram a ideia de uma Matemática neutra, universal e dissociada das experiências vividas. A crônica também aborda as contradições enfrentadas por professores em diferentes territórios baianos durante a implementação das reformas curriculares, especialmente no que se refere às condições de trabalho, às lacunas de aprendizagem dos estudantes e à complexidade das novas propostas. Ao mesmo tempo, evidencia que a Etnomatemática chegou a se inscrever formalmente como componente curricular no Itinerário Formativo Integrado Transdisciplinar, revelando sua potência para articular Matemática, cultura, território, saberes e modos de vida.

Palavras-chave: Etnomatemática. Transdisciplinaridade. Currículo. Ensino Médio. Bahia.

Abstract

This chronicle revisits the early discussions surrounding the construction of curricular guidelines for secondary education in Bahia, Brazil, highlighting how Ethnomathematics gradually emerged as a transdisciplinary force within the curriculum. Through the metaphor of seeds, the text recalls debates on culture, interdisciplinarity, teacher education, and the teaching of Mathematics, showing how these discussions challenged the idea of Mathematics as neutral, universal, and detached from lived experiences. The chronicle also brings into focus the tensions faced by teachers in different territories of Bahia during the implementation of curricular reforms, especially regarding working conditions, student learning gaps, and the complexity of new curricular proposals. At the same time, it emphasizes how Ethnomathematics became formally inscribed as a curricular component in the Transdisciplinary Integrated Formative Itinerary, revealing its potential to connect Mathematics with culture, territory, knowledge, and ways of life.

Keywords: Ethnomathematics. Transdisciplinarity. Curriculum. high school. Bahia.

Resumen

Esta crónica retoma las primeras discusiones sobre la elaboración de orientaciones curriculares para la educación secundaria en Bahía, Brasil, destacando cómo la Etnomatemática fue emergiendo gradualmente como una fuerza transdisciplinaria en el currículo. A partir de la

metáfora de las semillas, el texto recupera debates sobre cultura, interdisciplinariedad, formación humana y enseñanza de la Matemática, mostrando cómo esas discusiones cuestionaron la idea de una Matemática neutra, universal y desvinculada de las experiencias vividas. La crónica también evidencia las tensiones enfrentadas por docentes de distintos territorios de Bahía durante la implementación de reformas curriculares, especialmente en relación con las condiciones de trabajo, las lagunas de aprendizaje de los estudiantes y la complejidad de las nuevas propuestas. Al mismo tiempo, subraya que la Etnomatemática llegó a inscribirse formalmente como componente curricular en el Itinerario Formativo Integrado Transdisciplinario, revelando su potencia para articular Matemática, cultura, territorio, saberes y modos de vida.
Palabras clave: Etnomatemática. Transdisciplinariedad. Currículo. Educación secundaria. Bahía.